



JESUÍTAS BRASIL

Cadernos *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | nº 373 | vol. 23 | 2025

Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global

Daniel Feldmann

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | nº 373 | vol. 23 | 2025

**Neomercantilismo de
crise e as guerras de
desordenamento global**

Daniel Feldmann

Doutor em Desenvolvimento Econômico e Professor do Departamento
de Economia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)



Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIII – Nº 373 – V. 23 – 2025

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Pixabay

Revisão: Isaque Gomes Correa

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global

Daniel Feldmann

Doutor em Desenvolvimento Econômico e Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

I. APRESENTAÇÃO

O presente ensaio tem como origem a palestra que ministrei no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, em 17-04-2025, depois da qual apresentei aqui algumas atualizações e novas ideias. A partir do tema que sugerido, “*Fundamentos Econômicos das Guerras Contemporâneas ideologias aceleração e antiprogressismos*”, busquei desenvolver uma reflexão de forma a tentar interpretar o que parece ser uma ruptura histórica, a saber, a política econômica do segundo mandato Trump nos EUA e as suas consequências para a economia global, bem como a correlação existente entre tais políticas e o es-

tágio atual da geopolítica e da dinâmica das guerras contemporâneas. Parto da hipótese de que, mesmo que o governo Trump recue de suas pretensões até aqui enunciadas, a mera sinalização de tais políticas indica uma transformação de monta na dinâmica econômica e política do mundo que merece ser escrutinada. Se existe um grande grau de incerteza e de imprevisibilidade sobre o que virá, é certo, de outro lado, que estamos diante de mudanças que terão um alcance de longo prazo que exigirão, assim, novas ideias e tentativas de análise na busca de compreendê-las.

Desse modo, *Neomercantilismo de crise e guerras de desordenamento global* é a denominação que escolho para tratar de tendências que ajudam a interpretar este momento singular. Nas próximas seções, desenvolvo os elementos que justificam tanto a escolha deste título como as razões pelas quais ele sinaliza algo de inédito. Para tanto, antes de adentrar nosso tema, farei um breve resgate para demonstrar como a nova configuração histórica que se insinua no horizonte difere tanto da antiga Guerra Fria e do período que chamo de a “Longa Globalização”, que vai dos anos 1990 até recentemente. Este resgate será útil para mais bem enquadrar-se aquilo que é a diferença específica do *Neomercantilismo de crise e das guerras de desordenamento global* no tocante a três fatores-chave, a saber: o padrão de acumulação de capital, as relações de poder entre os países e a qualidade das guerras vigentes.

Como uma primeira aproximação ao problema, trata-se de investigar como teríamos chegado a uma situação na qual o próprio movimento do capitalismo parece se encaminhar para um processo de fragmentação e a um jogo de soma zero que se choca com aquilo

que seria a configuração “ideal” ao próprio capital, isto é, a integração mundial das forças produtivas, do comércio e das finanças. A isso se liga um processo de desmantelamento do arremedo de superestrutura global liderada pelos EUA que vigorou na Longa Globalização e que é substituído agora pelo caos geopolítico e por um mundo sem regras. Não há nenhuma nova ordem mundial à vista e aqui reside a particularidade disruptiva do atual do curso do mundo.

As guerras vigentes ou potenciais aceleram o desordenamento global que trouxe de volta o risco bem real de confrontação entre países com armas nucleares. Destarte, o antigo discurso do fim da história dá origem a uma perigosa história do fim com a aproximação de um horizonte apocalíptico de conflagrações bélicas devastadoras e da catástrofe ambiental. Nesse sentido, *Neomercantilismo e as guerras de desordenamento global* são tanto um produto como também fatores aceleradores de um processo de crise que vem sendo gestado há décadas. Mas qual crise?

II. NÃO HÁ MAIS LUGAR NEM PARA O CAPITAL NEM PARA O TRABALHO

Do ponto de vista do capital, a crise se manifesta neste século XXI pelo fato de que se desenrola na prática hoje aquilo que para Marx (2012) no século XIX ainda era uma conjectura teórica e hipotética, a saber, a contradição em processo. O trabalho humano vai ficando cada vez mais obsoleto para a produção da riqueza material, mas isso contradiz a própria essência capitalista, que é valorizar o valor mediante exploração do mesmo trabalho humano. O afã expansivo do capital mina sua própria base de expansão e a consequência

disso é que não há mais nenhum padrão de acumulação minimamente estável, mas sim um processo errático de fuga para frente. Esta fuga se expressa na chamada financeirização com sua expansão desmedida do crédito e da valorização fictícia de ativos como também no reforço de mecanismos de acumulação por desposseção. Nesse último caso trata-se monopolizar fontes para extração de renda em vez de ampliar a massa de riqueza e valor, como no caso de formas arcaicas de controle sobre recursos materiais e territórios, ou ainda através de formas modernas de cercamento mediante marcas, patentes, técnicas e propriedade intelectual.

Tais fugas não impediram as várias crises nas últimas décadas com a necessidade de cada vez maiores intervenções salvadoras dos Estados. Juntamente com os obstáculos para prosseguir a valorização produtiva dos capitais, explicita-se de forma crescente a contradição entre a produtividade multiplicada e as dificuldades crescentes para a realização, para a venda das mercadorias. Daí a busca para acelerar a rotação dos capitais mediante estímulos ao consumo, ao desperdício irracional, à obsolescência planejada, tudo conspirando para agravar a crise ecológica. A contradição em processo se expressa, assim, numa potencialização enorme da técnica e das forças produtivas capitalistas que se choca com a forma social valor.

Dito de outro modo, o mundo vai ficando cada vez mais encurtado e os lugares cada vez mais apertados em relação às pretensões de valorização dos capitais. Este é o pano de fundo de uma disputa encarniçada que se agudiza com a intensificação de uma crise tripla que, no fundo, é uma só: os espaços vão ficando rarefeitos tanto para os capitais quanto para os Estados Na-

cionais, como também dentro do mundo do trabalho no qual escasseiam bons empregos e os indivíduos são forçados a se virarem como podem. E certamente há uma correlação entre esta tripla crise e o mal-estar civilizacional de nosso tempo que tem tornado a ideia de progresso, mesmo retoricamente, algo cada vez mais distante da realidade. Daí que o antiprogressismo, a saber, as forças políticas autoritárias, a extrema-direita e os diferentes fundamentalismos, tenham ganhado tanta proeminência recentemente. Pois são exatamente estas forças que parecem mais propensas a politizar os ressentimentos que emanam de um estado de guerra permanente tanto no que diz respeito às rivalidades entre os países, como também no que diz respeito a uma reprodução social e econômica cada vez mais conflitiva internamente a cada país. Mas como chegamos até aqui?

III. ANTECEDENTES

a) Guerra Fria

Como indicamos, a apreensão da especificidade da ruptura em curso deve partir de um olhar de longo prazo que contemple a articulação entre uma dada dinâmica de acumulação de capital, a dimensão geopolítica e o caráter das guerras em cada momento. *Grosso modo*, o longo período marcado pela Guerra Fria se destaca por ser um período de forte acumulação produtiva de capital e de alto crescimento econômico nos três mundos de então. Adicionalmente, a ideia de certo planejamento econômico com importante papel do Estado se fazia presente mesmo que de maneira

diferenciada em cada um deles: no Primeiro Mundo com o auge do fordismo e das políticas keynesianas, no Segundo com o “socialismo real” e no Terceiro com os projetos de desenvolvimento nacional da periferia capitalista.

A modernização em curso parecia tornar factível a integração das populações nos circuitos econômicos de produção e consumo fazendo com que as promessas de progresso e de uma vida compartilhada melhor orientassem as diversas ideologias em disputa. Isso não anula o fato de que em meio a tais disputas o fantasma da guerra global fosse onipresente e determinante não só como ideologia. O complexo militar-industrial dos EUA e o socialismo de caserna da URSS eram elementos-chave das respectivas dinâmicas de acumulação de capital. Ao mesmo tempo, a ameaça de mútua destruição da Guerra Fria alimentava uma guerra quente nas periferias capitalistas nas quais um jogo mortífero de poder e violência se desdobrava. Assim, para além dos conflitos que marcaram a descolonização e a queda dos velhos impérios, o período seria marcado pelas intervenções das novas potências em busca da consolidação de suas áreas de influência. Como exemplos prototípicos, podemos citar a guerra do Vietnã e as intervenções políticas dos EUA na América Latina e, do outro lado, a guerra do Afeganistão e as intervenções no Leste Europeu da parte dos soviéticos.

No entanto, por trás das juras mútuas de destruição, os interesses econômicos e políticos opostos tinham em comum o fato de que eram mediados pelas diferentes ideologias modernizantes e progressistas, cada qual à sua maneira. Dito de outra forma, o período da Guerra Fria, erguido sobre os escombros da Se-

gunda Guerra Mundial, não podia renunciar a uma legitimação baseada em narrativas que apontavam para algo como um futuro melhor, para o desenvolvimento etc. Esse ponto se reveste de especial importância porque desmente a narrativa dominante sobre a virada da Guerra Fria para o período da globalização nos anos 1990. E aqui seguimos Robert Kurz (1993) que notara já na época que a “vitória dos mercados” do Ocidente com o desmantelamento do bloco soviético era na verdade uma vitória de Pirro, posto que sua raiz já residia numa crise da sociedade da mercadoria, numa crise daquilo que era o terreno comum dos três mundos da guerra fria.

Calibrando o argumento. As dinâmicas modernizantes do pós-guerra, a despeito do espírito dominante de coordenação dos processos econômicos, ou talvez por isso mesmo, ajudaram a universalizar e aprofundar o afã da produção pela produção, a busca ilimitada por acumulação, a internacionalização da concorrência, o consumismo como manipulação dos desejos, a destruição de formas pré-capitalistas tradicionais de vida, a dominância dos motivos puramente econômicos e a eleição do dinheiro e da forma valor como mecanismos todo-poderosos de mediação social. Nesse contexto, a experiência do “socialismo real” não deixava de ser ela mesma uma personificação do capital mediante a forma estatal, experiência que de forma alguma era imune ao fetichismo e às compulsões da mercadoria e do valor.

Entre tais compulsões certamente uma das mais decisivas é a busca por aumento da produtividade e racionalização da atividade econômica que exigem a incorporação crescente de capital constante em detri-

mento do capital variável mediante a automação e sofisticação tecnológica. Esse foi precisamente um campo decisivo da capitulação dos soviéticos que, diante da impossibilidade de acompanharem o poderio técnico-militar do projeto Guerra nas Estrelas de Reagan, foram impelidos a iniciar as transformações que acabariam por minar o seu modelo.

Todavia, e ainda seguindo Kurz aqui, tal processo de transformação generalizado da estrutura produtiva que fez a URSS sucumbir era ele mesmo um sinal de dificuldades não percebidas que já começavam a se insinuar no horizonte. A vitória do capitalismo ocidental tinha como pano de fundo justamente os primeiros sinais daquilo que descrevemos mais acima como a manifestação da “contradição em processo” do capital. No entanto, o caráter de Pirro de tal vitória demoraria a ser percebido...

b) “A Longa Globalização”

A final, os anos 1990 foram marcados pelo auge da utopia otimista das democracias liberais e da transformação benfazeja do mundo numa “aldeia global” de trocas de mercadorias, símbolos e valores da civilização. Entramos aqui no período da Longa Globalização. Longa precisamente porque, a despeito do paulatino desmonte das promessas que ela ensejava, ela instituiu uma dada articulação entre dinâmica econômica e superestrutura política global que pareceu por muito tempo imune a questionamentos de fundo e transformações substantivas.

Tal perenidade da globalização se confunde com o que foi por um bom tempo a liderança incontestada dos EUA na geopolítica e no direcionamento das relações econômicas internacionais. Sintomaticamente, isto ocorreu no início dos anos 1990 quando os EUA conseguiram angariar um apoio quase irrestrito – inclusive da Rússia – para sua primeira guerra no Golfo Pérsico. Ao mesmo tempo, no mesmo período, não apenas o antigo bloco soviético aderiu de malas e bagagem ao novo paradigma de abertura, privatização e desregulamentação, como também a China dava passos largos para sua integração ao mercado mundial que culminaria em sua adesão à OMC em 2000.

É certo que, retrospectivamente, o otimismo generalizado com a globalização estava assentado em bases frágeis. Pois, no fundo, tratava-se de ganhar tempo com as bolhas de crédito, ativos, imóveis etc. motorizadas a partir da economia americana com seus déficits público e comercial ancorados no papel de reserva mundial do dólar. Não havia de fato um padrão de acumulação de capital sustentável em escala global. Entretanto, isso não impediu o prolongamento da fantasia de uma globalização benfazeja. Hoje pouco se lembra daquilo que foi chamado de sinergia do “G2” entre China e Estados Unidos e que foi um elemento que ajudou a dar uma sobrevida para o otimismo global já dentro deste século.

A interdependência entre a demanda americana e as exportações chinesas foi o fator determinante para que a explicitação de uma crise capitalista maior fosse adiada. Como se sabe, o gigante “comunista” tornou-se uma enorme fábrica de mais-valia global, atraindo montanhas de investimento estrangeiro direto e ven-

dendo produtos baratos mundo afora. Aplicando ainda seu crescente saldo comercial na economia dos EUA, a China ajudava a deixar o dólar valorizado e seus juros baixos, retroalimentado o processo que permitia a expansão continuada de suas exportações. Tal bonança e tal otimismo respingavam mundo afora, estimulando o *boom* de *commodities* e de crédito em regiões do Sul Global como o Brasil, no mesmo passo em que por aqui iam se consolidando nossa desindustrialização e nossa reprimarização econômica.

Mas os espaços que pareciam se alargar para a retomada da valorização dos capitais eram na verdade artificialmente inflados como atestam as diversas crises financeiras mundo afora que marcaram a Longa Globalização com destaque para as crises mundiais de 2008 e de 2020. O próprio “milagre” chinês seria impensável sem o impulso da expansão financeira mundo afora. Vivemos aquilo que Lohoff e Trenkle (2014) chamaram de capitalismo invertido. Na era da globalização não é mais a dinâmica da produção que motoriza por si mesma o capitalismo e a própria finança, mas sim, ao contrário, é a inflação generalizada de crédito e de ativos diversos (títulos, ações, imóveis etc.) que acaba por estimular a própria produção de bens e mercadorias “reais” na base do endividamento crescente e de um efeito riqueza artificial que aumentam a demanda. Segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), de 1970 até hoje, a relação entre dívida privada e PIB globais mais do que dobrou, enquanto a relação entre dívida pública e PIB globais praticamente triplicou (FMI, 2024). É importante notar ainda que tal aumento do endividamento foi o que endossou a manutenção do consumo da parte dos assalariados. Afinal, estes viram a queda na sua participação da renda e

tiveram que amargar um espaço cada vez mais restrito no mundo do trabalho, com empregos cada vez mais precários e instáveis.

Forjou-se, assim, um capitalismo cuja dinâmica depende crescentemente de capital fictício na forma de papéis financeiros e de crédito, isto é, um capitalismo apoiado em promessas de valorização futura “real” que podem nunca vir a ocorrer, mas que no curso da Longa Globalização conseguiu em certos momentos simular uma dada prosperidade. Ora, esse capitalismo exigiu uma intensificação da abertura e da integração econômica globais, na qual a liderança americana era tanto mais reforçada quanto mais o dólar se afirmava como moeda das transações globais, fazendo ainda com que o título público americano se tornasse uma espécie de porto seguro dos diferentes agentes públicos e privados para os momentos de estresse e crise que se tornaram frequentes diante do frágil castelo de cartas da financeirização globalizada.

Ora, a tal arquitetura econômica precária correspondeu a tentativa também precária de se instituir na base da força e do consentimento uma dada arquitetura geopolítica que a suportasse. Aqui uma grande contradição foi notada de forma presciente por Ellen Wood (2014). O mesmo capitalismo que erigia um espaço aberto e global para que os diferentes capitais se rentabilizassem por todo o canto se chocava com uma superestrutura na qual era impossível remover por completo o obstáculo permanente de um mundo dividido politicamente em centenas de Estados nacionais, cada qual com sua soberania e jurisdição específica. Dito de outra forma, se o capitalismo se encaminhava para uma integração e globalização nunca vista na

história, era impossível replicar na esfera da política e dos Estados nacionais o mesmo grau de unificação e amplitude que a esfera econômica realizava. A fragmentação político-estatal do mundo pairava como um anacronismo diante daquilo que a infraestrutura capitalista consumava. Mas tal anacronismo era muito mais resiliente do que se podia imaginar e, como veremos depois, ele se transformaria num fator decisivo na conjuntura atual...

Em todo caso, a maneira pela qual os EUA buscaram exercer sua liderança nesta situação pode ser mais bem apreendida com a ideia de guerras de ordenamento global e aqui novamente tomamos como base Kurz (2003). A atuação dos EUA como potência hegemônica em tais guerras não era dada pelo seu interesse direto e imediato, mas sim para sustentar uma dada ordem do capitalismo global. Na tentativa de se sustentar tal superestrutura mundial do capitalismo, eram necessárias intervenções militares disciplinadoras contra países que apareciam como ameaças para o bom funcionamento da globalização econômica e política que se buscava. Num mundo com soberanias fragmentadas e sempre potencialmente conflitantes, os EUA apareciam como uma espécie de polícia mundial a implementar um conjunto de regras garantidoras do andamento adequado dos negócios. Assim, as guerras no Iraque e no Afeganistão não teriam tanto a ver com a preocupação de garantir o fornecimento adequado de petróleo para os próprios EUA. Tais guerras serviram muito mais para mostrar ao resto do mundo, sobretudo para os grandes aliados Japão e Europa, que o fornecimento global e regular de petróleo dependia de um dado ordenamento que era imposto pelos EUA em nome da reprodução do capital global. Ademais, esse

papel em parte imposto pelos EUA, em parte outorgado a eles, reforçava o papel global do dólar bem como os privilégios daí derivados, aí inclusos os privilégios de poder financiar mais facilmente do complexo militar-industrial americano que fazia as vezes de polícia mundial.

Claro que tais intervenções militares não apareceram diretamente na forma exposta acima, posto que eram envernizadas com a ideia da exportação dos valores da democracia e direitos humanos para os países recalcitrantes. Mas inclusive este aspecto ideológico e duvidoso indicava que a liderança americana era justificada por um dispositivo indireto no qual o interesse dos EUA parecia se confundir com o interesse geral do capitalismo global. Ainda se apostava no bom êxito da globalização, mesmo que tal aposta por muito tempo tenha se prolongado por pura inércia e por pura ausência de alternativas. Tudo isso até chegarmos ao cavalo de pau de Trump em 2025...

IV. NEOMERCANTILISMO DE CRISE E GUERRAS DE DESORDENAMENTO GLOBAL

a) Algo sobre a inversão e a irrazão

Cremos que o primeiro aspecto que produz espanto e chama a atenção no conjunto de políticas que Trump já começou a implementar, ou que, ao menos já anunciou, é como elas literalmente pretendem virar de ponta-cabeça a arquitetura da Longa Globalização, a começar pelo papel que nela os EUA tomaram para si durante décadas. Afinal, de um ponto de vista capitalista “puro”, a ideia de que se deveria se voltar atrás na

integração comercial, produtiva e financeira do mundo não é apenas um anacronismo e uma volta um tanto bizarra para trás. Trata-se ainda de algo que, sem dúvida, prejudicará o desempenho já falho da dinâmica da acumulação global de capital, a começar pelos próprios Estados Unidos.

Assim, essa inversão de papéis é sem dúvida irracional e desestabilizadora em diferentes planos e não por outros motivos as resistências ao modo Trump de lidar com a economia global já se manifestam a torto e a direito, inclusive dentro dos EUA. Todavia, não menos irracional seria aqui reduzir a importância da ruptura que se anuncia ou ainda uma postura de atribuir o que se passa a um surto passageiro de aventura e destempero após o qual o governo estadunidense e a economia global recuperariam sua sanidade. Isso seria abdicar do que cremos ser o mais importante para apreender as transformações em curso, a saber, entender as condições históricas que tornaram possível a inflexão deste mandato de Trump, bem como as consequências duradouras que ela produzirá.

Tal inflexão já surte efeitos e nada será como antes, como tentaremos argumentar mais adiante. Tampouco é lícito afirmar que a inflexão em curso é algo que diz respeito apenas aos Estados Unidos, como se o restante do mundo pudesse neutralizar os seus efeitos de alguma maneira. E isso não apenas pelo fato óbvio que advém do peso enorme dos EUA, mas também pelo fato menos evidente de que tal inflexão diz respeito a um conjunto de limites e contradições que incidem sobre a totalidade da economia mundial, da geopolítica e tam-

bém da reprodução social interna a cada país. Assim, a questão que se coloca é analisarmos as razões da irracionalidade em curso.

b) As razões para a irracionalidade do jogo de soma zero

Neomercantilismo como designação da inflexão atual do governo Trump nos parece ser adequado por diferentes motivos que abordaremos, sendo que todos eles convergem para a ideia de que a economia global – e com ela sua superestrutura geopolítica – passam a ser diretamente encaradas como um jogo de soma zero tal qual era praticado pelo antigo mercantilismo clássico. Com isso a afirmação direta aberta e sem mediações de interesses nacionais conflitantes passa a dar o tom, prescindindo-se de quaisquer justificações políticas, ideológicas ou propagandísticas que traduzam aqueles interesses particularistas num interesse geral a ser partilhado pelos demais países. Desta forma, o *Make America Great Again* (MAGA) é uma declaração explícita de que os demais países terão que diminuir o seu espaço, inclusive os aliados históricos como Japão e Europa Ocidental que estariam “explorando os EUA” nas palavras de Trump.

Isto nos leva ao objetivo principal da inflexão de Trump, e que ficou ainda mais escancarado com o recente e gigantesco tarifaço, que é diminuir o espaço econômico e geopolítico ocupado pela China “comunista”, rival cujo sucesso capitalista acelerado já vinha há tempos se manifestando não apenas em quantidade de crescimento, mas também na qualidade da sua estrutura produtiva. A antiga sinergia do G2 passou a

ser vista como o seu contrário à medida que a China começou a concorrer e ameaçar os EUA em setores de ponta, no mesmo passo em que a ascensão do gigante asiático reduziu sobremaneira a força econômica relativa de antigas potências europeias e do Japão.

Assim, o antigo G2 como complementação e colaboração deve dar lugar para um G2 que expressa agora uma luta à morte dos únicos atores efetivamente relevantes e poderosos na disputa por espaços. Não se trata aqui, portanto, de uma rivalidade convencional entre países. Afinal, algum tipo de contenção da China há muito tempo já era a política oficial do *establishment* estadunidense, democrata e republicano, inclusive entre os que hoje se colocam como acerbos críticos da inflexão trumpista. A relação dos EUA com o resto do mundo e sobretudo com a China passa então a se situar nos termos da pura oposição de amigos *versus* inimigos nos termos de Carl Schmitt. É justamente o significado disso que muda os termos do debate e ratifica uma ruptura com todos os cânones anteriores, suscitando uma série de comportamentos à primeira vista totalmente irracionais.

Mas a irracionalidade da inflexão de Trump repousa sobre uma dada lógica, ela tem as suas razões de ser, posto que se alimenta de tendências concretas da realidade. A redução de espaços no capitalismo contemporâneo, cujo pano de fundo é a “contradição em processo” que mencionamos anteriormente, suscita uma dinâmica curto-prazista que favorece o imediatismo, o pegar ou largar. Com isso, o espírito de “aldeia global”, propagado no período anterior e que apostava na integração, na abertura, nos ganhos gerais de produtividade e crescimento para todos e numa dada colabo-

ração e divisão do trabalho abrangente mediada pelos mercados mundo afora, torna-se algo duvidoso. Ou, no mínimo, tal espírito enseja uma promessa de longo prazo pouco crível aumentando, assim, o apelo para iniciativas mais imediatas e disruptivas. Como não há qualquer solução efetiva para os problemas de fundo do capitalismo contemporâneo, existe uma tendência estrutural e sistêmica para a irracionalidade. Portanto, o neomercantilismo não deve ser visto como um “raio em céu azul”, mas sim uma tentativa de solução que visa acelerar as contradições herdadas do período precedente.

O jogo de soma zero baseia-se, portanto, num pressuposto plausível em si mesmo, a saber, que os espaços vão diminuindo e que mais vale tomar o espaço alheio do que semear ilusões de que uma postura mais colaborativa poderia criar espaços para todos. Assim, o retorno a Adam Smith que pautou a globalização como chave para a riqueza das nações deve dar lugar à busca egoísta da riqueza exclusiva da nação. Daí a emulação não apenas de práticas, mas também de justificativas que emulam a antiga doutrina mercantilista. A busca a todo custo pelo superávit comercial americano como objetivo central – o que por definição exige o déficit comercial do resto do mundo – como única forma de recuperar os bons empregos perdidos; as pressões para reversão da deslocalização das cadeias produtivas das últimas décadas tentando ainda atrair investimentos produtivos externos para dentro da cortina de tarifas; o elo declarado entre a renacionalização de setores estratégicos e a independência da capacidade militar

do país¹, todas são práticas que visam, como nos anos 1930, o “*beggar thy neighbor*”, a saber, práticas que visam deliberadamente empobrecer os vizinhos.

O neomercantilismo reaparece também na intenção declarada de Trump de impor na base da força o controle direto sobre territórios: Groenlândia, Panamá, transformar Gaza num *resort*, exigir da Ucrânia o controle de minerais em troca da ajuda anterior na guerra etc. Independentemente se isso vai ou não se efetivar, o mero anúncio disso denota uma disposição para a prática direta de conquista para a acumulação por despossessão. É interessante notar que aqui se explicita o porquê de usarmos o qualificativo de “crise” na noção de neomercantilismo. No passado, as práticas de tomada de território estavam associadas ao colonialismo mercantilista e ao processo de acumulação primitiva que de forma violenta deram ensejo à ascensão posterior do modo de produção capitalista. Já o neomercantilismo desse século XXI não aponta para nenhuma nova expansão da dinâmica de expansão do valor e da acumulação produtiva, mas sim está ligado à pura disputa preventiva por recursos escassos. E a essa postura corresponde também a postura sobrevivencialista e apocalíptica de boa parte da *entourage* de Trump com seus planos de vida em outro planeta, de cidades-*bunkers* isoladas do resto do mundo etc.

Adicionalmente em ainda dentro da temática da acumulação por despossessão, mas agora por outro ângulo, um outro aspecto crucial da batalha EUA x China – e também da marginalização relativa da Europa e do Japão – que tem sido um tanto ofuscado em meio às outras polêmicas é a questão da disputa pela

¹ Como afirmou Trump recentemente, “*um país que não produz aço não é um país*”.

monopolização da informação e do conhecimento. A centralidade disto para o capitalismo contemporâneo é um outro indício do mesmo problema da obsolescência da forma valor e da “contradição em processo”. Tais atividades, a despeito de ajudarem em boa medida as chamadas *Big Techs* se transformarem nas empresas mais importantes do mundo hoje, não criam valor como tais, mas sim estabelecem “pedágios” para a sua extração a partir de outros setores efetivamente produtivos da economia. Por isso, a guerra em torno de tais dispositivos de monopolização só pode se dar ele mesmo na base de um jogo de soma zero, alimentando aqui também a tendência ao neomercantilismo de crise.

c) Tomando espaço alheio para que no fim todos percam ainda mais espaço

Mas as considerações acima sobre uma certa *rationale* do neomercantilismo de crise não o torna de forma alguma uma alternativa viável e sustentável. O curto-prazismo que o impele, para além dos importantes efeitos demagógicos que ele suscita, não pode trazer nenhum efeito de alívio efetivo para os problemas estruturais que o originaram. Não apenas no longo prazo, mas já agora no curto prazo, inclusive e sobretudo para os EUA, o neomercantilismo de crise é ele mesmo um fator agravador da crise. A aceleração e a escalada das disputas, as tentativas de tomar o espaço alheio, tendem a ter como resultado uma perda de espaço para todos.

Afinal, mesmo se a integração econômica global do mundo traiu suas promessas, gerando graves desigualdades e crises diversas, ela se enraizou de tal forma nas

relações contemporâneas do capitalismo que as tentativas de revertê-la tendem a gerar ainda mais ineficiência, choques, irracionalidade e uma retração econômica generalizada, possivelmente com aumento da inflação mundial. A mera ameaça de efeitos desintegradores incide diretamente nas expectativas capitalistas dado o entrelaçamento atual do comércio e nas cadeias produtivas globais. No caso das finanças, como sempre, tais efeitos sempre são mais imediatos, com os diferentes agentes operando com muita incerteza na busca de realocar sua riqueza. A turbulência nas bolsas globais vista recentemente que só é comparável à crise ligada à pandemia de 2020 mostra que a chamada financeirização não é um fenômeno reversível, mas sim o próprio *modus operandi* do capitalismo hoje.

Temos agora o agravante de que, diferentemente da crise financeira de 2008 em que governos e bancos centrais – inclusive o da China – colaboraram para tentar mitigar seus efeitos, uma nova crise financeira generalizada vai se deparar com um mundo em nada propenso à colaboração. Os próprios EUA agora trocam o seu antigo papel de construtores de uma dada ordem econômica global pelo atual papel de demolidores deliberados dessa mesma ordem. Assim, o que deve imperar é uma desordem, um mundo no qual a única regra seja de quem pode mais tudo leva.

A mesma questão pode ser ilustrada a partir de um artigo recente de Stephen Miran (2024) – um dos principais consultores econômicos de Trump – que não pouca polêmica tem suscitado. De cara, ele postula de forma cristalina que os EUA devem literalmente militarizar todas as suas relações econômicas internacionais. Pois, para ele, apenas os países que se subordinarem

e não retaliarem as novas políticas de Trump poderão ter certo alívio no fardo das tarifas e no acesso ao mercado estadunidense, tendo esses países ainda em troca o benefício de serem incorporados ao “guarda-chuva” militar americano. Eis aqui mais um exemplo claro de neomercantilismo no qual um processo de barganha e pressão determina ao mesmo tempo as transações econômicas e as alianças militares.

E o mesmo tipo de barganha e pressão é proposto por Miran (2024) também no que diz respeito a um novo acordo cambial e financeiro que ele pleiteia, sugestivamente batizado de *Mar-a-Lago*, local onde Trump tem seus *resorts* de luxo. Além das tarifas, Miran argumenta que é necessário que o dólar seja desvalorizado para recuperar a competitividade das exportações e dos bens comercializáveis produzidos nos EUA. No seu diagnóstico, bastante controverso para dizer o mínimo, os Estados Unidos seriam prejudicados por terem a moeda-reserva global. Afinal, com tal situação, haveria uma demanda extraordinária e excessiva por dólares que tende a valorizá-lo exageradamente. Assim, com objetivo de baixar o dólar nos mercados cambiais globais, os países que mantêm como reservas títulos públicos americanos seriam convidados/constrangidos a vender uma dada quantidade deles. E para evitar que esse movimento gerasse tensões maiores no mercado, com fugas abruptas do dólar e aumento dos juros dos títulos, os mesmos países seriam convidados/constrangidos a transformarem o restante das suas reservas em títulos perpétuos sem pagamento de juros. Seria um golpe de mestre: dólar mais baixo, manutenção do papel global do dólar e uma espécie de calote que traria alívio fiscal diante de uma dívida pública americana cada vez mais explosiva.

Eis que temos aqui um bom exemplo que denota a quadratura do círculo do neomercantilismo de crise trumpista. Pretende-se manter o papel global do dólar com barganhas, ameaças e ações não convencionais – acrescentamos entre tais ameaças tarifas de 100% para países que queiram deixar de usar o dólar em suas transações. Todavia, ao mesmo tempo esses mesmos dispositivos degradam aos olhos de todos a confiança, liquidez e a segurança que ajudaram a moeda estadunidense se firmar como a moeda global. Como diferentes analistas têm apontado, há grande risco de que a proposta *Miran/Mar-a-Lago* ser a faísca de um incêndio nos mercados. Pois, mesmo que seja possível convencer os países detentores de reservas em embarcar na proposta,

[...] o mais chocante é que uma crise generalizada no mercado de títulos também é fácil de imaginar. Estrangeiros detêm US\$ 8,5 trilhões em dívida pública, pouco menos de um terço do total; mais da metade disso é detida por investidores privados, que não podem ser persuadidos pela diplomacia ou ameaçados com tarifas (The Economist, 2024, s.p.).

Na realidade, independentemente da aventura de *Miran* (2024) se efetivar ou não, a credibilidade do dólar já se deteriorou com o que já foi feito pelo governo Trump. O dólar já caiu frente a outras moedas e os juros dos títulos americanos já subiram. Isso mostra um padrão diferente de outras crises financeiras – inclusive aquelas centradas nos EUA – quando a moeda e os títulos públicos americanos se fortaleceram como refúgio diante da incerteza. Deste modo, a tentativa de militarização das relações econômicas pode bem acelerar a degradação do dólar como elemento-chave do próprio dispositivo militar do país. Em suma, de uma

forma geral, o neomercantilismo de crise de Trump pretende ser uma demonstração de força, mas que mal pode esconder a sua fraqueza. Por outro lado, suas políticas já sinalizam uma degradação no crescimento e na dinâmica de investimentos produtivos mundo afora. Mas é possível reverter esse quadro?

d) Um mundo sem regras, goste-se ou não

No momento que escrevemos esse ensaio, início de maio de 2025, o governo Trump dava sinais de recuo em relação à sua proposta original mais radical de tarifaço. Ao menos provisoriamente prevalece algo mais brando que a proposta inicial: uma tarifa geral de 10% para os países, sendo de 25% em alguns setores específicos, aumentando-se por outro lado para 145% a tarifa sobre a China, que, por sua vez, retaliou os EUA com uma tarifa de 125%. Tal recuo pode estar ligado à estratégia de Trump de levar sua política ao extremo para depois ceder em alguns pontos. Mas não se pode descartar aqui também o receio de uma estagflação severa junto ao aumento incontrolado do stress financeiro. Ademais, a violência do anúncio inicial de Trump provocou reações inimagináveis e potencialmente muito sérias para os próprios interesses dos EUA. O anúncio de que Japão, Coreia do Sul – dois aliados muito íntimos e centrais para o dispositivo militar e geopolítico estadunidense – estavam estudando uma retaliação conjunta aos EUA em conjunto com a China é algo certamente desagradável e de forte impacto, mesmo para um governo destemperado como o de Trump.

Mas mesmo que seja verdade que o governo americano abrande seu plano inicial, o que não é de todo garantido, isso não nos isenta de indicar certas tendências que nos parecem irreversíveis daqui para frente. De forma mais imediata, mesmo que uma guerra tarifária de fato fique circunscrita inicialmente à China e aos Estados Unidos, tal disputa entre as duas maiores economias globais terá efeitos imprevisíveis mundo afora. Por exemplo, a necessidade de redirecionar suas mercadorias em função da perda da demanda estadunidense pode muito bem impelir a China a forçar sua venda em outros mercados. Isso pode gerar novas retaliações protecionistas sobre a própria China como já foi aventado recentemente pela própria União Europeia. A necessidade de realizar as mercadorias num mundo de espaços reduzidos pode trazer à tona uma tendência ao neomercantilismo mesmo que este não seja o objetivo inicial dos atores.

Adicionalmente e mais importante, é crucial considerar o impacto duradouro da atitude do governo estadunidense num outro sentido. Ao jogar para os ares mesmo o arremedo de uma ordem internacional que os próprios EUA outrora foram os principais proponentes, o que prevalece é a anomia de um mundo sem regras. Nesse mundo, goste-se ou não e, independentemente da vontade original dos atores relevantes, torna-se imperioso se preparar para uma situação na qual a margem de previsibilidade e de segurança se desvanece. Ora, isto tende obrigar um processo de renacionalização e reestatização de um conjunto de decisões e ações que tempos atrás se julgaria improcedente ou desnecessário.

Vejam os esta questão mais de perto. Um processo de relativa desglobalização não é algo que começa agora em 2025. E isso não só pelo fato de que a gestão Biden já tinha inclusive imposto tarifas contra a China maiores em relação ao primeiro mandato de Trump. Em diferentes países, como resposta à pandemia e depois à guerra da Ucrânia, já houve uma alguma movimentação no sentido de renacionalizar cadeias produtivas, repatriar empresas, de se preocupar com fornecimento interno de certos produtos por questão de segurança ou motivos sanitários, de se fortalecer políticas industriais nacionais para apoiar setores estratégicos, de se acelerar a corrida por recursos naturais e patentes etc. Com a inflexão de Trump e o horizonte de um mundo desregrado, é de se esperar que tais processos se radicalizem. Os espaços que já eram exíguos tendem a ficar ainda mais exíguos e o curto-prazismo generalizado tende a aumentar as derivas neomercantilistas de crise.

Com isso, a contradição indicada já na época da Longa Globalização por Wood (2014) ressurge com tudo, cobrando sua fatura. Tudo se passa como se em reação ao mundo sem regras, as superestruturas estatais-nacionais precisem ser chamadas para o primeiro plano tomando decisões que se chocam tanto com a infraestrutura econômica contemporânea já profundamente internacionalizada, como também contradizendo aquilo que seria uma ordem geopolítica “ideal” para o próprio funcionamento da reprodução capitalista. E nessa espécie de “revolta da superestrutura” contra a infraestrutura, não apenas a própria dinâmica de acumulação capitalista é ainda mais debilitada, como também se engendra um desordenamento de sérias

consequências. Pois, no mundo sem regras, no que vão dar as fricções e os choques entre as diferentes razões de Estado conflitantes?

e) Guerras de desordenamento do Norte ao Sul Global

Em meio a tais fricções e choques entre as razões de Estado que são a consequência desejada ou não do neomercantilismo de crise, temos a aceleração do caos geopolítico. E isso marca outra transição, a saber, a do paradigma anterior das guerras de ordenamento global para o das guerras de desordenamento global. Pois, se o mundo sem regras é o que prevalece, também a dinâmica geopolítica deve internalizar a guerra efetiva ou a guerra como ameaça, ou seja, um estado de guerra permanente que passa a governar as decisões. Não se trata aqui de algum saudosismo quanto ao período anterior, mas a constatação de que as relações internacionais só podem se degradar ainda mais no contexto atual, aumentando-se a temperatura e as tensões. E na ausência de qualquer ordem, nos aproximamos de uma situação em que tudo vale.

Sintomática neste sentido foi a aproximação recente de Trump com Putin no que diz respeito à Ucrânia. Em nome da estratégia de cortejar a Rússia para a afastar da China, o que se chancela na prática é a ocupação de boa parte da Ucrânia e a expulsão de milhões de ucranianos que não mais voltarão para casa. O neomercantilismo de Trump, que agora inclusive pleiteia os minerais ucranianos como “prêmio” pelo apoio financeiro passado, ratifica retrospectivamente o que foi a guerra neomercantilista de Putin. E uma das características do

vale tudo que ganha corpo mundo afora é justamente o abandono de quaisquer ideologias que no passado, mesmo que de forma apenas retórica, justificavam as guerras. Pois a guerra aparece nua e crua como interesse direto, como uma lógica abertamente utilitária de ganhos e perdas. Assim, por exemplo, Trump, seja na famigerada reunião na qual pressiona Zelensky indagando quais são as “suas cartas na manga”, seja ainda na sua proposta de transformar Gaza destruída num empreendimento turístico, o que se destaca é a pura linguagem do homem de negócios, uma retórica sem mediações da pura barganha da mercadoria que quer decidir sobre a vida e morte de milhões.

De outro lado também, a aproximação EUA-Rússia explicita a desmoralização completa de ideologias atravessadas como a de que Putin poderia aparecer como uma alternativa “anti-hegemônica”, “anti-imperialista” ou mesmo como um “mal menor”. Há um perigo do próprio progressismo aqui de abraçar a lógica sem princípios de amigo *versus* inimigo chancelando razões de Estados destrutivas desde que estejam no lado supostamente “certo” de ideologias que já não fazem mais qualquer sentido. As razões econômicas, políticas e sociais que aproximam as razões de Estado da lógica da guerra permanente não encontram fronteiras. Do Oriente ou Ocidente e do Norte ao Sul Global tudo passa a ser determinado pela disputa encarniçada por espaços. Há aqui ainda uma semelhança com o que Hobsbawm falou sobre o clima do mundo pré-Primeira Guerra Mundial: originalmente ninguém a queria, pelo menos da boca para fora, até que as alianças e os conflitos empurraram todos para a carnificina.

As guerras de desordenamento mundial se sucedem numa escalada que não parece ter freio. Assim, a China acelera seu cerco sobre Taiwan. Trump, por sua vez, dá aval para Netanyahu continuar bombardeando Gaza, agora com o horizonte de uma reocupação completa, tudo favorecendo a limpeza étnica dos palestinos. Ao mesmo tempo, aumentam as chances de uma guerra aberta e potencialmente nuclear entre Israel e o Eixo da Resistência liderado pelo Irã. Este eixo ajudou, junto com Putin, o governo de Assad a promover a sua matança de centenas de milhares de sírios até que a mistura de revolta popular com a intervenção da Turquia o derrubasse. A Turquia, por sua vez, continua bombardeando os curdos, sendo membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e tendo como aliado militar importante o Paquistão nuclearizado. Este último está militarmente mais próximo da China na sua guerra com a Índia igualmente nuclearizada e que está mais próxima militarmente dos EUA. Claro que não estamos aqui nem mencionando as guerras recentes na sempre esquecida África – Sudão, Etiópia e Congo – que já ceifaram centenas de milhares de vidas.

Muito significativo ainda neste processo autofágico de desordenamento global é o fato de que a velha Europa – cuja unificação tida como exitosa nas últimas décadas tinha como um de seus símbolos a construção de uma ordem pacífica – agora adere ao keynesianismo bélico. Estamos aqui falando do enorme aumento dos gastos militares europeus após o desengajamento de Trump com relação à Ucrânia. Na ausência de perspectivas de retomada sustentável do crescimento econômico, mesmo analistas politicamente liberais como Martin Wolf veem com bons olhos o estímulo à

demanda agregada e ao crescimento econômico que tal remilitarização europeia poderia trazer. Mundo afora, inclusive no Brasil com seu PAC-3, os gastos militares estatais crescem vertiginosamente. Isso é tanto mais um sintoma do neomercantilismo de crise como também mais um estímulo para ele. E, por motivos óbvios, a maior dependência dos capitais em relação à economia armamentista joga ainda mais lenha na fogueira das tendências belicosas do nosso tempo. Afinal, tais capitais devem acelerar sua rotação e suas mercadorias precisam ser vendidas.

f) Neomercantilismo no topo, neoliberalismo no andar de baixo

A discussão feita até aqui em torno do neomercantilismo de crise poderia dar a impressão de que aquilo que conhecemos nos últimos tempos como neoliberalismo teria perdido sua relevância. Entretanto, isso seria uma apreciação falsa ou no mínimo unilateral da realidade. Por exemplo, a própria ideia que acabamos de mencionar de um keynesianismo bélico tende a aumentar ainda mais as dívidas públicas e com isso aumentar as velhas pressões de sempre por uma austeridade que tende a recair quase sempre sobre os gastos sociais do Estado. Assim, como o desmonte acelerado e a privatização de elementos da estrutura estatal como tem sido encaminhado por Musk no governo é outra permanência de um neoliberalismo radical ainda vivo. Além disso, as forças que jogam a favor do neomercantilismo de crise não anulam o fato de que, no mundo do trabalho, o neoliberalismo – aqui entendido como uma lógica social que coloca a concorrência e a luta de

todos contra todos como cerne da reprodução social – tende a continuar de vento em popa. E como o neomercantilismo de crise tende a agravar a própria dinâmica capitalista já debilitada, é de se esperar que a disputa por espaços no mundo do trabalho se intensifique ainda mais, perpetuando, com isso, o neoliberalismo com um mecanismo implacável de seleção e exclusão, com todas as consequências sociais adversas daí advindas.

Deste modo, o neomercantilismo de crise descreve uma tendência situada no topo, no andar de cima, refletindo uma dada articulação que se torna necessária entre Estado e capital, enquanto o neoliberalismo prossegue sendo algo que se pereniza no andar de baixo da sociedade. Isso não significa que inexistam laços que unam ambos os fenômenos. Pelo contrário, o desordenamento e o mundo sem regras que correspondem ao neomercantilismo de crise também aparecem como característica do cotidiano social. Afinal, estamos diante de mundo do trabalho via de regra cada vez mais desregulamentado, precarizado e desprovido de proteção, normas e direitos. Tem-se, portanto, um cada um por si, um processo de individualização e dessocialização que produz medo, indiferença e ódio (Feldmann, 2020). E aqui se repete a mesma dinâmica de amigo *versus* inimigo que indicamos anteriormente, fazendo com que, não raro, a reprodução da vida dos indivíduos se assemelhe, ao menos metaforicamente, a uma guerra.

V. CONCLUSÃO: O ANTIPROGRESSISMO COMO SÍNTESE

Temos, assim, uma combinação explosiva. A predisposição externa para conflitos e um estado de guerra permanente se alimenta de uma reprodução social cada vez mais conflitiva e excludente internamente a cada país. E vice-versa. Com isso, a geopolítica e a vida cotidiana das pessoas se retroalimentam no sentido de multiplicar ressentimentos diversos. A história contemporânea parece se encaminhar num sentido totalmente oposto às promessas do progresso e dos valores a ele associados. Esse é o pano de fundo no qual as forças de extrema-direita e os diferentes fundamentalismos têm crescido com tanta rapidez e força por tantos lugares do mundo.

Tais forças parecem estar mais afinadas com o espírito do tempo. Diferentemente do progressismo de esquerda ou do centro liberal, elas não se propõem mais a conter os malefícios e excessos de uma forma de reprodução social que se assemelha uma guerra, mas sim, ao contrário, pretendem governar através dessa guerra, ou até mesmo acelerá-la. Tal postura acaba por soar autêntica e verdadeira para muitos. O discurso que ainda prega melhorias, integração e progresso social, se torna cada vez mais falacioso e inexecutável nos tempos que correm, dando munição para seu contrário. Com a ausência de horizontes e com as expectativas condicionadas para sempre suportarem e nunca questionarem os antagonismos sem solução que descrevemos, a sociedade é impelida para a “reprodução desejante do existente” – para usar aqui a expressão dos velhos frankfurtianos. E precisamente por dar va-

zão à essa negatividade do existente que se funde aos desejos que o antiprogressismo extrai muito mais energia para si que outras conformações políticas.

Ademais, o antiprogressismo também logra se promover simulando a sensação de pertencimento a algo numa situação na qual as pessoas se sentem cada vez mais atomizadas e isoladas. Com isso, sociedades que já não têm coesão alguma são instigadas a ganhar alguma coesão a partir de inimigos internos ou inimigos externos que passam a absorver a hostilidade sistemicamente produzida. E é nesse ponto, justamente, que diferentes formas de ódio social e xenofobia autoritários se irmanam e legitimação e corroboram a ideologia do neomercantilismo de crise. E aqui também reaparece outra feição daquilo que chamamos mais acima de “revolta da superestrutura”. Assim como a dimensão nacional-estatal da superestrutura volta a ganhar peso no plano internacional entre diferentes países, na dinâmica interna de cada país tal superestrutura também é reavivada no sentido de ressuscitar formas autoritárias de nacionalismo. A utopia cosmopolita da globalização dá lugar então ao chauvinismo sectário com seu pacote pronto para diferentes gostos: racismos diversos, ódio étnico e religioso, islamofobia, antissemitismo etc.

Uma dinâmica cumulativa de cruzada vai tomando conta das relações internacionais insuflando as tendências destrutivas e incontroláveis que tentamos descrever neste artigo. Os dois grandes polos de tal cruzada são China e Estados Unidos, com suas ramificações ambíguas, desordenadas e oportunistas mundo afora. Pensar tal polarização a partir de uma dicotomia entre um Norte Global portador da “democracia” e “liberalismo” *versus* um Sul Global portador do “anti-im-

perialismo” e “decolonialismo” é o melhor caminho para se corroborar o beco sem saída em curso. Tomar um dos lados deste impasse implica adotar concepções descoladas da realidade e que se tornam anacrônicas na exata medida em que nossa ausência de horizontes futuros cria a tentação de buscar os atalhos de um passado ideologicamente mistificado. Com isso, afastam-se o pensamento e a prática de alternativas que poderiam se contrapor ao estado de coisas existente. E com isso também se referenda independentemente das vontades subjetivas uma batalha titânica cujos próximos capítulos trarão tudo menos um final feliz nessa nossa distopia do século XXI.

No fundo, por trás da cortina de tarifas entre EUA e China e por trás de sua hostilidade declarada de inimigos irredutíveis, reside uma consonância, um laço, uma afinidade. Steve Bannon, o ideólogo mais conhecido da extrema-direita, já expressava isso de forma simples e direta numa entrevista ainda quando do primeiro mandato de Trump:

“Não acho que haja um líder mundial que o presidente Trump respeite mais do que o presidente da China” [...] apontando para “uma grande afinidade entre nossos dois países”. Bannon também elogiou o líder autoritário da China, Xi Jinping [...] “Xi é muito impressionante. Ele realmente entende o que é melhor para o seu povo... Ele é muito inteligente, muito duro, mas justo. Ele é direto e objetivo – assim como o presidente Trump. É por isso que eles se gostam tanto” [...] o jeito chinês de administrar seu sistema econômico é brilhante. Tiro o chapéu para eles (The Guardian, 2017, s.p.).

Raiva e hostilidade são afetos que, não raramente, escondem projeções de amor e admiração. Por isso mesmo, a inflexão do segundo mandato de Trump, ao mesmo tempo que eleva exponencialmente as tensões com a China, também é por outro lado uma tentativa de mimetização do modelo do país asiático. O jeito “brilhante” da China administrar seu sistema econômico que leva Bannon tirar o chapéu é justamente o seu Estado forte, seu autoritarismo, seu pragmatismo antidemocrático, seu centralismo avesso às instituições etc. E aqui mais uma inversão irônica da história: se num passado não muito distante a posição *mainstream* estadunidense propugnava pela “liberalização”, “democratização” e “institucionalização” da China, hoje são aqueles aspectos da China que antes eram duramente criticados que são tomados nos fatos como a base ideológica do MAGA. Fica patente que uma verdadeira crítica deve endereçar precisamente isso que unifica hoje as duas potências e jamais adotar a tomada de partido numa cruzada que, independentemente de quem sejam os “vencedores”, encaminha a derrota daqueles que querem se contrapor ao colapso do mundo.

Em síntese, nosso tempo é pautado pela luta cada vez mais mortífera pela busca de espaços cada vez mais reduzidos. Uma luta extremamente desigual, hierárquica e injusta, mas que todos precisam praticar sem exceção: capital, Estados e os seres humanos de forma geral. Todos necessitam a todo custo vender suas distintas mercadorias sob mais pressão e cada vez mais rapidamente. Todos precisam praticar o “salto mortal da mercadoria”², mas para tanto é preciso cada vez

2 O salto que o valor da mercadoria realiza do corpo da mercadoria para o corpo do ouro [...] é o salto mortal da mercadoria. Se [...] dá errado, não é a mercadoria que se esborracha, mas seu possuidor” (Marx, 1985, v. 1, p. 225).

mais dissolver as mediações, instituições e regras que historicamente em outros tempos buscaram conter as consequências mais deletérias e antissociais dessa nossa sociabilidade fetichista. Amigos e inimigos, todos tentam desesperadamente se tornar amigos da mercadoria que, por sua vez, não é amiga de ninguém. Não por outros motivos, é a mercadoria que paira como sujeito último de uma história que pode muito bem ser a do fim. E pensando bem, é a mercadoria que se revela hoje como o maior anacronismo de todos, uma forma social cuja caducidade e obsolescência histórica obriga a sociedade a normalizar doses e mais doses de desperdício, violência e loucura.

REFERÊNCIAS

FELDMANN, Daniel. O “salto mortal” da mercadoria, a contradição em processo do capital e os sentidos do novo nacionalismo autoritário no século XXI. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, 2020, nº 56, maio-ago. 2020.

FMI. 2024 Global Debt Monitor. **Fundo Monetário Internacional**, 2024. Disponível em: <https://www.imf.org/external/datamapper/GDD/2024%20Global%20Debt%20Monitor.pdf>.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

KURZ, Robert. **A guerra de ordenamento mundial**. Horlemann Verlag, Bad Honnef, 2003. Disponível em https://www.obeco-online.org/a_guerra_de_ordenamento_mundial_robert_kurz.pdf.

LOHOFF, Ernst; TRENKLE, Norbert. **La grande dévalorisation**. Post-éditions, 2014.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 5 vol. (Coleção Os Economistas)

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MIRAN, Stephen. A User's Guide to Restructuring the Global Trading System. **Hudson Bay Capital**, 2024. Disponível em: https://www.hudsonbaycapital.com/documents/FG/hudsonbay/research/638199_A_Users_Guide_to_Restructuring_the_Global_Trading_System.pdf

THE GUARDIAN. Steve Bannon heaps praise on Xi Jinping during 'stalking horse' Hong Kong trip. **The Guardian**, 13/09/2017. Disponível em https://www.theguardian.com/us-news/2017/sep/13/steve-bannon-heaps-praise-on-xi-jinping-during-stalking-horse-hong-kong-trip?utm_source=chatgpt.com.

THE ECONOMIST. How a dollar crisis would unfold. **The Economist**, 16/04/2025. Disponível em <https://www.economist.com/leaders/2025/04/16/how-a-dollar-crisis-would-unfold>.

WOOD, Ellen. **Império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.

Daniel Feldmann



Daniel Feldmann. Possui graduação em Economia pela Universidade de São Paulo (1999) e mestrado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (2004). É doutor em Desenvolvimento Econômico(subárea - História Econômica) no Instituto de Economia da Universidade de Campinas (2013). É professor da Universidade Federal de São Paulo(Unifesp). Realizou pós-doutorado no laboratório SOPHIAPOL na Universidade Paris X, na França. Tem experiência como docente e pesquisador desde 2002 nas áreas de Economia Política, Relações Econômicas Internacionais, Formação Econômica do Brasil, Desenvolvimento Econômico, Economia Brasileira, História Econômica Geral e História do Pensamento Econômico.

ENTREVISTAS DO IHU COM DANIEL FELDMANN

- [Vivemos num mundo de soma zero. Futuro incerto tende ao protecionismo, isolamento e novas guerras. Entrevista especial com Daniel Feldmann](#)
- [A “normalidade” é a raiz dos riscos que afligem a humanidade. Entrevista especial com Daniel Feldmann](#)



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élica Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoececer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Amo Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODE – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Casculo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzados – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirceu Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da humanização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstrosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutrya de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bôe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Elair Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955)
- Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana
- Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório -
Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos -
Olivia Cristina Perez

 UNISINOS